

# O que a queda do dólar tem a ver com o "Pacto Social"?

As taxas de juros nos EUA e no mercado internacional caíram para seus níveis mais baixos desde 1978: agora, a "rime" norte-americana está a 10 por cento (após ter chegado aos 21 por cento em 1981) e a "libor" em apenas 8,5 por cento. Como sempre os analistas, que até há pouco previam que os juros internacionais subiriam à medida que se aproximasse o segundo semestre do ano, encontram rapidamente uma explicação simplista para a redução do custo do dinheiro (insistindo, é claro, na visão "catastrofista" das questões econômicas). Para eles, a queda dos juros seria mero resultado da desaceleração da economia norte-americana e, portanto, uma tendência favorável apenas na aparência, já que decorrente de um fenômeno negativo.

Na verdade, como foi previsto nesta coluna por volta de anoitecer, a queda dos juros é resultado de uma decisão do Governo dos EUA, que agora quer "derrubar" o dólar (que vinha sendo sobrevalorizado no mercado mundial). Para que? Para "baratear" as exportações dos EUA, da mesma forma que, no Governo anterior, o Presidente Reagan havia partido para a sobrevalorização do dólar, com o objetivo de baratear as importações de máquinas e equipamentos comprados pela indústria norte-americana, dentro da estratégia de modernizá-la para superar a defasagem tecnológica em relação ao Japão (e que impedia as exportações, mais caras, por parte das fábricas norte-americanas).

Sempre cegos (e cegadores: o que é pior) para essas tendências

de médio e longo prazos, os analistas "catastrofistas" dizem agora que as taxas de juros nos EUA caíram porque o Banco Central norte-americano decidiu "afrouxar" a política monetária, diante da desaceleração da economia. Na verdade esse afrouxamento havia começado há muitas semanas e se o Banco Central agora aprofunda essa política é por um motivo simples e óbvio para quem quer enxergar a realidade e não pintá-la sempre de preto.

Qual é o motivo? No fim da semana passada Reagan finalmente conseguiu que o Senado aprovasse um corte de quase 60 bilhões de dólares nos gastos previstos para o orçamento federal. Vale dizer: completou-se a estratégia de Reagan: ele só podia derrubar os juros depois de reduzir esse déficit, pois o declínio reduzirá a aplicação de capitais estrangeiros em títulos do Tesouro, emitidos para cobrir o rombo. E o déficit da balança comercial, que aqueles capitais também cobriam? Ele é o resultado de importações maciças, facilitadas pela sobrevalorização do dólar e pela estagnação nas exportações, pelo mesmo e óbvio motivo. Tende também a cair, daqui ará frente.

Quais são as perspectivas da economia mundial ante a queda do dólar e das taxas de juros, bem como do comportamento da economia dos EUA? Sobre esta última: em abril as vendas no varejo voltaram a subir, com mais 0,6 por cento e a queda de março, que alarmou tanta gente, afinal não foi de 1,9 por cento e sim de 0,7 por cento. Além disso a indústria de construção já dava sinais de nova

fase de reativação, com recôres nos pedidos de licença para construir (tendência agora reforçada pela queda dos juros, que beneficiará também os empréstimos imobiliários). A médio prazo, ao longo dos próximos meses, a economia norte-americana baseará seu crescimento no avanço gradual das exportações, da mesma forma que sua recuperação, a partir do último trimestre de 1982, se baseou no mercado interno.

De ponto de vista mais amplo, a economia mundial será beneficiada com o aumento na capacidade de importar por parte dos países endividados, como o Brasil. Afinal, o recuo de mais de 4 pontos percentuais desde setembro último na "libor", taxa de juros cobrada sobre as dívidas externas, trará economia de US\$ 24 bilhões por ano sobre a dívida de US\$ 600 bilhões dos países em desenvolvimento. Todo o comércio mundial deve animar-se, ativando a economia internacional.

Conclusão paralela, mas não menos importante: a queda dos juros internacionais, e do próprio dólar, reforça a possibilidade de queda da inflação no Brasil. As lideranças empresariais e sindicais precisam convencer-se de que o País realmente dispõe, no momento, de condições raras ao longo dos últimos anos para derrubar a inflação. Há grandes safras no mundo todo e até os preços do petróleo estão em queda. Não se pode desperdiçar essa chance de ouro. Cabe ao Governo utilizar todos esses argumentos com maior veemência, para fechar rapidamente um "pacto contra a inflação".